

O que encontrei do outro lado da vida

Há algum tempo pensava na morte. Sentia que iria morrer dentro de pouco tempo, que meu corpo ia falecer e que partiria. Comecei a me preocupar, iria fazer falta tanto ao meu companheiro tão idoso quanto eu, como ao meu filho deficiente mental. Mãe pensa sempre que é insubstituível.

Preocupada, amargurada, não falei a ninguém da intuição que recebera, que iria voltar logo à pátria espiritual. Meus problemas com doenças se agravaram. Conhecia pouco a Doutrina espírita, da qual era simpatizante. Comecei a interessar-me mais pelo espiritismo e quis saber como era a vida após a morte. A idéia da separação entristecia-me e queria ficar, principalmente por meu filho doente. Um dia, uma das minhas filhas levou-me para tomar passe com um senhor, José Carlos, que estava na casa de sua amiga. Já o conhecia e recebera, em outras ocasiões, seu passe. Naquele dia, aproveitando que fiquei a sós com ele, indaguei:

- Como é morrer, José Carlos?

José Carlos sorriu, tranqüilo, transmitindo-me conforto. Ele entendeu-me e inspirado por seu mentor (agora sei) falou, esclarecendo-me:

- D. Aparecida, ter o corpo morto é o começo de outra forma de viver - a espiritual. O corpo da senhora morrerá quando chegar a hora e neste instante deverá estar tranqüila e com o pensamento em Jesus. A vida desencarnada começa com uma grande mudança, partimos só com nossos conhecimentos e obras. A senhora ao desencarnar deverá ser levada a um local de socorro, não pense que será o Céu, mas uma das casas do Pai. Lá se lembrará de todos os seus familiares e amigos, de sua casa, sentirá falta deles, saudade. Porém, desde já, deve entender que não tem retorno, o corpo morre e não se deve voltar a casa, ao lar, sem permissão. Aceitando, tudo fica mais fácil e deverá esforçar-se por acostumar. Recordo à senhora que ninguém é órfão do amor de Deus. Seu filho, antes de ser da senhora, é filho de Deus, por que não o confia ao Pai? Deve ter uma causa justa sua deficiência, não se prenda a ele, não é bom para ninguém. E, se ele passar pela orfandade de mãe, deverá ser outro aprendizado de que necessita. Outras pessoas o amarão e cuidarão dele, por seu amor.

Estes esclarecimentos claros e objetivos fizeram-me grande bem.

Minha doença se agravou, prendendo-me ao leito. Foi necessária uma cirurgia na qual amputaram meu pé.

Passei por estranhos momentos, via pessoas desencarnadas que me animavam pedindo que tivesse calma. Ouvia conversas de encarnados, médicos, enfermeiras e de familiares. Meu cérebro não reagia ao meu comando. Sabia que cortariam meu pé e, se sarasse, não iria mais andar, como também, se melhorasse, certamente iriam ter que cortar o outro. Orei com fé, pedi a Deus proteção ao meu filho, à família e, se fosse possível, que desencarnasse.

Senti-me melhor, dormi muito tempo, um sono agradável do qual só despertava vagamente pelo choro das filhas.

Quando despertei realmente, senti-me bem e feliz. Sentei-me no leito e observei o local em que estava. Era uma enfermaria; então me lembrei com precisão dos ensinamentos do sr. José Carlos. Por momentos parei de sorrir, logo depois voltei a fazê-lo.

"Devo agir como ele me recomendou - pensei -, se meu corpo morreu, foi para melhor".

Logo após, uma enfermeira bondosamente esclareceu-me as dúvidas: havia realmente desencarnado.

"Meu pé? - quis saber, vi-o, mexi com ele. - Parece-me bem, não o cortaram?"

"Cortaram o pé do seu corpo de carne."

"Hum!" - exclamei, estranhando, mas dando graças a Deus por tê-lo perfeito e sem dores.

"A senhora não deve pensar que não o tem. Seu perispírito é perfeito e continuará sendo se assim o quiser ou pensar."

Quero ter meu pé e andar!" - falei com convicção.

Conheça outros livros com depoimentos de espíritos:

Histórias maravilhosas da espiritualidade

Morri, e agora?

Deficiente mental, por que fui um?

Valeu a pena!

Ah, se eu pudesse voltar no tempo!